

O CONFICIONAL NAS CRÔNICAS DE FABRÍCIO CARPINEJAR, UM  
ESCRITOR HÍBRIDO: SEU ITINERÁRIO DA PROSA À POESIA

Carlos Henrique de Souza<sup>1</sup>  
Larissa Cardoso Beltrão<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho desenvolve-se a esteira do viés de que o campo literário foi constituído as margens da sociedade, e, portanto as obras literárias são em si, um reflexo das relações sociais. Por intermédio desse pressuposto, é objetivo deste estudo mostrar como a prosa e a poesia, dois gêneros que fomentam uma hibridização, oscilando entre si, constituem a prosa poética, forma esta que em muitos casos pode ser também transpassada pela lírica. Esse processo de hibridização dos gêneros foi impulsionado a partir do teor moderno, pois a modernidade propiciou aos autores uma nova estética dentro na criação literária. Para efeito de análise, utilizaremos as crônicas de Fabrício Carpinejar a fim de comprovar tais fatores, pois trata-se de um escritor contemporâneo, e mesmo que seus textos sejam escritos em prosa, não obstante verificamos vestígios poéticos, além disso, constataremos também nos textos carpijeanos uma busca incessante pela representação do homem moderno. O que propomos ao longo desta análise é contribuir para que, ao realizar o estudo de uma obra literária, o leitor passe a considerar o contexto social de determinada época e, a partir de então, possa valorizar a produção literária como um dos grandes fatores de construção da identidade nacional. Nesse sentido, caberia, pois, ao escritor expressar e/ou evidenciar, dentro do contexto de criação de sua obra, a preocupação com os aspectos sociais vigentes em certo período, sendo eles, políticos, sociais, econômicos, dentre outros. Para subsidiar esse trabalho, o mesmo encontra-se fundamentado em autores como Adorno (2003), Baudelaire (1996), Benjamin (1989), Bordieu (2002), Candido (2000), Moisés (1970) entre outros.

**Palavras-chave:** Literatura. Crônica. Carpinejar. Poesia. Prosa poética.

## INTRODUÇÃO

Entre as várias contribuições de Fabrício Carpinejar para a literatura contemporânea, destacaremos aqui a sua capacidade de hibridizar o seu discurso, e principalmente a sua habilidade de evidenciar em seus textos, as várias funções da prosa poética contemporânea. Abordaremos duas obras deste escritor gaúcho: *Borracheiro: minha viagem pela casa* (2011) e segundo, *Canalha: retrato poético e divertido do homem contemporâneo* (2013), nas quais ele retrata, de modo singular, o homem contemporâneo em seus aspectos mais banais do

<sup>1</sup> Graduado em Letras - Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Campos Belos. Pós-graduado em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade Cândido Mendes/RJ. Docente na Escola Janelinhas do Saber/GO. Contato: carlos-henrique86@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Docente do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Campos Belos, e da Rede Estadual de Ensino do Estado do Tocantins. Contato: laricinhabeltrao@hotmail.com

Anais da III Semana de Línguas e Literaturas do Campus Campos Belos. UEG, 2017. p.118-138.

cotidiano. Revestidas pelo humor do cronista, estas obras, a partir de seus personagens, tornam-se uma representação poética da figura masculina na pós-modernidade.

Essas obras foram publicadas recentemente, e constroem um itinerário sobre o lugar do homem contemporâneo no mundo. São livros constituídos através de inúmeras crônicas, e ainda em Carpinejar relacionaremos os aspectos aqui citados. Verificaremos, portanto, que os escritos carpijeanos nascem da necessidade de um gênero que atenda ao momento presente, indo ao encontro de cada leitor.

Por conseguinte, verificamos que as transformações na produção literária deu-se em paralelo ao surgimento de um público leitor diversificado. Ademais, é preciso observar ainda que a dinâmica do mundo, em seu contexto pós-moderno, passou a exigir, do escritor, a narrativa de fatos de seu cotidiano imediato dentro de sua produção literária. Nesse sentido, destacamos ainda, o processo de aceleração dos tempos, provocado pelo advento da modernidade, que fez com o escritor procurasse um estilo rápido e dinâmico como o momento de seu leitor que agora, envolvido com suas muitas atividades não teria tanto tempo disponível para deleitar-se na leitura de romances e novelas, uma vez que são textos, relativamente, extensos.

### **Desenvolvimento**

Dentro da produção literária de Fabrício Carpinejar, existe a tipificação de uma forma híbrida, analisada por Massaud Moisés (1990), e denominada prosa poética. Esta constituição prosaica do autor em questão nasce dentro de um conjunto social, a partir do qual o escritor volta-se para os acontecimentos do cotidiano, transformando-os em literatura. Segundo Moisés (1990, p. 26), “a poesia identifica-se por ser a expressão do “eu” por meio da linguagem polivalente, ou seja, metafórica, enquanto a prosa se distingue por colocar a tônica na apreensão do “não-eu”, empregando o mesmo tipo de linguagem”.

Dessa maneira, a prosa poética é definida como texto literário, exatamente, por contrair dois gêneros, pois estas duas formas de expressão, constituem uma outra, que por sua vez, podem envolver em torno da construção comunicativa, revestindo outras construções literárias com este teor, ora poético, ora prosaico. Ainda em Moisés (1990), podemos afirmar que “o substantivo é representado pela prosa e a expressão do “não-eu” (MOISÉS, 1990, p. 26), ao passo que a poesia funciona como um qualitativo. Estamos, pois, diante de um tipo

Anais da III Semana de Línguas e Literaturas do Campus Campos Belos. UEG, 2017. p.118-138.

específico de prosa, fruto da fusão entre poesia e prosa. Moisés (1990) confirma que a hibridização dos gêneros faz com que a tessitura do enredo seja perpassada por transfusão de lirismo.

Constatamos estes aspectos na obra *Canalha* de Carpinejar, no momento em que a sensibilidade aguçada do poeta surpreende o leitor, ainda que desatento, como podemos flagrar nas linhas poéticas da crônica *As tampinhas do leite*. Observemos:

Eu me vejo verdadeiramente acordado ao observar a dobra me aguardando. Sério. Espio antes de chegar. Fiquei dependente da tampinha. Amo a tampinha. É agradável dividir o espaço com ela. Não me dá trabalho. Sugere sede, fome, dependência. Por ela, sei que minha mulher está em casa, está comigo. É vizinha da linha dos lábios dela. É seu vício, sua senha. Cartolinha colorida de criança. É sua maneira de me animar, de dizer que vive comigo. É um código morse. Um aviso apaixonado. Ela deixa pistas discretas de si e vou recolhendo pelo resto da casa, para não encerrar a sedução. (CARPINEJAR, 2013, p. 34-35)

O autor apresenta uma situação, que para um indivíduo comum, seria uma cena relativamente rotineira. Esta produção poética dentro da crônica é composta por certa ambiguidade, podendo oscilar entre um gênero e outro, em alguns momentos carregados pelo valor poético, em outros pela porosidade da prosa, faz com que o leitor confunda essa tipificação prosaica, em alguns casos não sabendo distingui-la exatamente, pois a crônica é um texto com esta característica, e às vezes em função de sua composição, pode assumir a forma poética.

A narrativa produzida por Carpinejar é tomada também por um lirismo desmedido. À medida que o escritor descreve a leveza dos gestos, o leitor é convidado a um mergulho na subjetividade, vejamos:

Minha mulher não põe bilhetes na geladeira, não borra o espelho de batom, não grava recados na secretária eletrônica, não força prova de paixão, não forja testemunhos. É suave, sugestiva, pede compreensão e o mistério. Pede que eu a entenda antes que diga algo. Pede que aceite o espaço de cada um, os hábitos de cada um, e preserva as individualidades com cuidado. O pedacinho da caixa de manhã é como a súplica de bom-dia. (CARPINEJAR, 2013, p. 35)

É interessante percebermos em seus textos a oscilação ora em um gênero, ora em outro, pois segundo Anatol Rosenfeld (2009) essa descrição resulta em uma “excelente obra

de arte” onde os personagens se “humanizam através da imaginação pessoal. No caso da poesia lírica, através da fusão do Eu, do foco lírico, com o objeto” (ROSENFELD, 2009, p. 27), porque esta composição é o momento em que o leitor insere-se dentro do mundo imaginário transcrito pelo o autor, que no caso das crônicas carpijeanas são normalmente vivências pessoais e de grande valor lírico, o que leva o leitor a fundir-se na subjetividade do autor a ponto de ver a si próprio nos textos. Portanto torna-se necessário reconhecemos em Adorno que:

O mergulho eleva o poema lírico ao universal por tornar manifesto algo de não distorcido, de não captado, de ainda não subsumido, anunciando desse modo, por antecipação, algo de um estado em que nenhum, universal ruim, ou seja, no fundo do algo particular, acorrente o outro, o universal humano. *A composição lírica tem esperança de extrair, da mais irrestrita individuação, o universal.* (ADORNO, 2003, p. 66, *grifos nossos*)

Então, ao referirmo-nos aos textos de Carpinejar, ainda que escritos em prosa, pensamos em texto poético, prosa poética, e por conseguinte, uma prosa poética lírica. Uma vez que mesmo sendo crônicas, suas narrativas são carregadas de valor lírico. Aqui, é importante ressaltar, na esteira de Staiger (1997, p. 15), que uma das características da arte moderna é estar pautada, sobremaneira, na miscigenação dos gêneros, segundo o qual, podemos destacar a predominância de um determinado gênero sobre o outro – lírico, épico e dramático –, mas há, pois, uma intercomunicação entre os gêneros, como é possível observar no fragmento abaixo:

É um defeito, mas nada mais delicioso do que ouvir de uma mulher: “CANALHA!” Ser chamado de “canalha” por uma voz feminina é o domingão da língua portuguesa. O som reboa redondo. Os lábios da palavra são carnudos. Vontade de morder com os ouvidos. Aproximar-se da porta e apanhar a respiração do quarto pela fechadura. Canalha, definitivo como um estampido, como um tapa. Não ser chamado de canalha pela maldade, mas por mérito da malícia, como virtude da insinuação, pelo atrevimento sugestivo. Não o canalha, mas o ca-na-lha, sem repetição. Único. (CARPINEJAR, 2013, p.17)

As crônicas carpijeanas são carregadas de características, tanto da prosa quanto da poesia mencionadas anteriormente. E, além disso, Fabrício Carpinejar traz dentro de sua produção literária uma outra característica que se torna marcante, é a sensibilidade apresentada no desfecho de suas crônicas, na maioria das vezes, poéticos, fazendo com que o leitor presencie em seus textos, uma conclusão transpassada pela poesia. Vejamos:

Anais da III Semana de Línguas e Literaturas do Campus Campos Belos. UEG, 2017. p.118-138.

(...) Terei que ser mais do que uma frase bonita e um par de mãos para esconder sua fragilidade. Terei que ser verdadeiro. Eu não consegui inventá-la, você desobedeceu o autor e sumiu com o final do livro. Eu não consegui inventá-la, podia apenas descobri-la. Será que depois de morto ainda enfrentarei pesadelos? *Até que a morte nos separe é muito pouco para mim. Preciso de você por mais de uma vida.* (CARPINEJAR, 2013, p.37. grifos nossos)

Notamos que o desenlace da crônica acima é tomado pela poesia e, conseqüentemente, como acontece em grande parte de suas crônicas, e em vários outros textos deste mesmo caráter, pelo lirismo, que fazem parte do final de seus escritos, vide grifo. São duas características complementares, de modo que uma faz parte da outra, de modo que a lírica reveste a poesia ou vice-versa.

Assim o poeta, nessa perspectiva, reflete dentro da literatura um espaço de insubordinação. O poeta/escritor está em seu tempo e recria de forma poética os valores de seu momento, mas não está exatamente comprometido com uma verdade unívoca. Em relação a esse espaço da poesia, e da literatura, na perspectiva contemporânea, Antônio Carlos Secchin afirma que:

[a] poesia [e a literatura] não se compromete [m] com a verdade, pois um de seus atributos é exatamente o de provocar um circuito clandestino de sentido que faça oscilar o terreno do sólido onde versões de verdade se sedimentaram. (SECCHIN, 1996, p. 18)

É interessante ressaltar que Carpinejar transforma aquilo que seria apenas uma situação corriqueira em texto de grande valor literário, e segundo Cleide da Costa e Silva Papes (2008, p. 17) para “analisar o cotidiano é necessário estender o olhar sobre a vida diária”, alcançando os homens pelos vários níveis sociais. Essa característica torna o autor único no espaço poético, pois suas crônicas são escritas, de certo modo, de maneira natural, visto que são produzidas a partir da mesmice do cotidiano, e então surge uma literatura com a qual o leitor identifica-se ora, pois, é ele a matéria-prima utilizada pelo escritor. Como no exceto transcrito a seguir:

Lavar o carro para o homem é como chorar assistindo filmes. Um modo de se emocionar e não dar na vista. Um modo de ser mais do que um homem solitário, de ser quatro passageiros e um motorista ao mesmo tempo. Talvez as mulheres não entendam o que isso significa. É a maquiagem masculina.

Eu me sentia adulto quando meu pai me convidava para lavar o carro. Ainda por cima ganhava banho grátis de mangueira. Podia entrar no automóvel e brincar com o volante. Ele me alcança uma flanela e ensaboávamos as rodas, as janelas e a frente. Nossas mãos se confundiam, rápidos pára-brisas. O chuvisco frio arrepiava as canelas. Andando em círculos, nos esbarrávamos e ríamos da ternura involuntária. (CARPINEJAR, 2013, p. 90)

Para fomentar a oscilação entre os gêneros, caráter típico do poeta gaúcho, o autor explora o que é corriqueiro na vida de seu leitor. E assim constrói a escrita prosaica, a qual tem chamado a atenção nos últimos anos, pois formula-se como um gênero distinto dos demais, por sua capacidade de hibridização. Este aspecto faz com que, principalmente os escritores contemporâneos, atente-se a tal forma, pois a necessidade de escrita, é também, uma precisão em busca da representação do real, do momento presente. Entretanto, a poesia torna-se revestida pela prosa em um tempo único, possibilitando em um gênero como a crônica, oscilar entre um ou outro. Ao analisar o contemporâneo é necessário perceber que o mesmo representa as situações mais banais, vivenciadas por todos, e assim, de maneira universal, entra em contrapartida o mundo do escritor, mas principalmente, o do leitor.

Mesmo com a ideia de que o gênero tem estrutura fixa e acabada, a literatura, e principalmente as necessidades de escrita, ao passar do tempo prova o contrário, isso é evidenciado e comprovado nos textos aqui abordados, pois ao oscilar entre dois gêneros, poesia e prosa, o escritor proporciona um entrelaçamento, o qual consiste em outra estética, agora prosaica. Nos textos analisados é nítido os elementos de um gênero, ora de outro, e assim vibram diversas características das duas formas. Observemos:

Já levei muito fora, dei muita mancada, pisei na bola. O que mais me dificultava nos relacionamentos adolescentes era a facilidade tremenda em conquistar a mãe da mulher com quem desejava ficar. Conquistava a sogra, não sua filha. Surgia como o par ideal da família, nunca de quem gostava. Representava o tipo cordial, educado e romântico, que não falaria palavrão em público, nem chamaria todo mundo de “cara”, independente do sexo. Ou seja, o tipo mais inofensivo que existe, forjado à paz e inadequação para a guerra. Isso somente aumentava a minha rejeição. (CARPINEJAR, 2013, p. 112)

Após apresentar uma situação comum à maioria dos leitores o autor conclui sua crônica e, por conseguinte, apresenta como acontecia o fim do relacionamento ao aproximar-se da família de sua parceira:

Quanto mais os pais gostavam de mim, mais o sonho de um namoro se distanciava. Eu terminava abandonado na primeira semana, longe de resultados efetivos. Fazia eternamente sala e não chagava à cama. Sabia quando a relação começava a definhar. Na hora em que a sogra me reconhecia como seu filho. A partir deste instante, seria impossível casar, transar ou ficar com uma irmã. (CARPINEJAR, 2013, p. 112-113)

Dentro da perspectiva da prosa revestida pela poesia, Carpinejar cria, dentro de sua crônica, uma situação comum, a qual representa os indivíduos contemporâneos, e retrata o fim do relacionamento de um casal, mas neste caso, o autor em questão, compõe uma escrita traçada de maneira natural e rítmica, pois utiliza atributos vindos da poesia, como a musicalidade, por exemplo, reservada a dar ritmo ao texto e é característica fundamental na constituição destes escritos.

Outro fator que nota-se na prosa poética de Carpinejar é a utilização de períodos curtos, prática esta que constitui a maioria de seus textos, e que possibilita, mais uma vez, o entrelaçamento entre um gênero e outro, uma vez que a dinâmica de sua escrita, ainda que prosaica, se aproxima do texto poético, marcado pela simetria dos versos.

Sob esse viés da hibridização dos gêneros, os textos carpijeanos são produzidos diante de outra perspectiva, e destroem a concepção da rigidez dos gêneros dentro do campo literário de que estes eram formas aparentemente prontas e acabadas.

Isso é apenas o que, de certa forma, a modernidade requer do escritor enquanto autor, um formato que atenda ao momento presente e ao contexto no qual é produzido, mas principalmente, a necessidade do público leitor, que encontra-se, em muitos casos fragmentado em meio ao caos do mundo contemporâneo, mas que possa deparar-se com textos não mais extensos, e com uma naturalidade na escrita, tal qual como sua necessidade. Portanto, no caso específico de Fabrício Carpinejar, podemos destacar sua diversidade literária ao abordar os fatores que permeiam a sociedade moderna.

Além disso, nestas duas obras utilizadas, verificamos tentativas de representação da figura masculina dentro do corpus social, tem-se então um Carpinejar Borracheiro e um Carpinejar Canalha, são dois aspectos do lugar do homem no contemporâneo, duas figuras aparentemente distintas, mas que refletem as distinções sociais feitas em relação ao sexo masculino, permeados por anseios coletivos visam refletir sobre o lugar do homem, nas esferas sociais.

Nesse sentido, é necessário que pensemos no papel do homem na sociedade contemporânea, este que por sua vez reflete uma dominação simbólica, mas *a priori*, esse conceito existe a partir do papel exercido na sociedade, que está pautado em atributos destinados a cada um dos gêneros, tem-se uma complexa discussão entre os papéis desempenhados, tanto por homens quanto por mulheres. Assim, cria-se uma distinção de gêneros, podendo contribuir para a formação da figura masculina na sociedade atual. Mas em alguns casos, relativamente raros, iremos constatar, pois, a fragmentação social dentro do papel exercido pelo gênero masculino.

Nesse contexto, Pierre Bourdieu (2002) define estes aspectos que permeiam a discussão acerca dos gêneros masculino e feminino, como uma “divisão dos estatutos sociais atribuídos ao homem ou mulher” (BOURDIEU, 2002, p. 23). Desta forma as atribuições legadas a cada um dos gêneros são constituídas a partir de conceitos preexistentes na sociedade, questões que envolvem os sexos são base para amplos debates, pois fomentam discussões, principalmente no papel desempenhado por cada um.

É nítido que o homem tem seu lugar definido na sociedade moderna, suas atividades exercidas são antes traçadas pelos fatores que rodeiam a discussão dos sexos, é partir de então que o homem constrói sua dominação, e portanto, as concepções em relação ao domínio masculino, são conceitos criados anteriormente e assim esta percepção “legítima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada” (BOURDIEU, 2002, p. 32), constitui-se então algo normal, formado com naturalidade ao decorrer dos tempos.

Trata-se aqui de outro posicionamento do homem, pois sua preocupação agora é com outros horizontes, visa mudanças, e inaugura perspectivas, deste modo pode-se afirmar juntamente com Papes (2008) que:

Não se trata do homem passivo, espectador, contemplativo, contentando-se com a padronização de uma realidade simulada [e também estabelecida] com os bens culturais impostos. Falamos do homem de ação, daquele que reage e transforma, daquele que traça sua própria história. No fazer do dia-a-dia, esse herói realiza a sua invenção sobre um mundo que vem se petrificando em todos os aspectos (...). (PAPES, 2008, p. 24)

O homem moderno busca reverter os papéis e funções sociais impostas anteriormente, não é mais a figura da aceitação passiva, mas transfigura e/ou reescreve seu

cotidiano pois, os padrões que eram aceitos, agora são revestidos pela necessidade de cada ser, pois os valores são coletivos, mas neste caso, entra em cena os anseios individuais de cada um. Faz-se necessário destacamos aqui a tríade estabelecida por Candido, pois a partir do momento em que a literatura é considerada como arte, é então:

um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela [a literatura] pressupõe o jogo permanente de relações entre os três, que formam uma tríade indissolúvel. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. (CANDIDO, 2000, p. 38)

Perceberemos então que, segundo Cândido a literatura é um jogo, onde tem o artista, a obra e o público, este último é responsável por dar sentido à obra, e sem este o autor não se concretiza, dessa forma este acaba se tornando um elo entre o autor e sua obra, portanto, os textos de Carpinejar constituem uma representação de tal ligação, pois suas obras ganham sentido, nas mãos de seus leitores, pois estes são indiscutivelmente o material do qual é construída sua matéria literária.

Dentro deste contexto constituiremos a partir de agora um itinerário, contrapondo a formação e constituição do homem contemporâneo dentro do contexto social. Nesta parte destacaremos os fatores que permeiam a figura masculina. A partir da análise das crônicas carpinejeanas procuraremos desvelar a preocupação do autor em representar o homem atual, o que possibilita constituir literatura, a partir da mesmice e da banalidade diária.

Assim, Carpinejar constrói a representação do indivíduo masculino contemporâneo, com seus defeitos, hábitos, qualidades entre outros aspectos, enfim a normalidade gerada a partir da sua vivência habitual, porém sua criação literária é inteiramente relacionada à vida diária, pois Otávio Paz afirma que é “especialmente pela Literatura, que é um ato criador por meio da palavra, será possível repassar toda e qualquer vivência com certa distância da realidade para encontrar uma forma de reinventá-la” (PAZ, 1972, p. 23). Surge então a função da poesia moderna, pois a mesma:

coloca o homem fora de si e, simultaneamente, o faz regressar ao seu *ser* original: volta-o para si. O homem é uma imagem: ele mesmo e aquele *outro*. Através da frase que é ritmo, que é imagem, o homem é. A poesia é entrar no ser. (PAZ, 1972, p. 50, *grifos do autor*)

Percebe-se então que a arte poética tem uma responsabilidade social perante a sociedade, pois faz com que indivíduo reconheça a si próprio, na sociedade fragmentada em que está inserido.

Carpinejar, como escritor contemporâneo, também reflete em seus textos uma dualidade, esta, é evidente em seus livros *Borracheiro* e *Canalha*, nos quais procura desvelar a figura masculina em dois aspectos: no primeiro, o Carpinejar Borracheiro, o autor traz um personagem que gosta das tarefas domésticas, um homem do lar, onde converte o mais íntimo do cotidiano em teorias cheias de humor:

O que pretendemos é ser do lar. Não conhecemos nenhuma dona de casa que foi processada; é mais seguro. Já temos praticar em lavar carro; aprontar o quarto é moleza. O que nos atrai neste milênio é preparar o jantar consultando um livro de receitas. Testar trituradores de camelôs. Não nos importamos em receber mesada, podem deixar em cima da mesinha antes de sair. Não esquecem o dinheiro do gás. Produziremos três pratos quando vocês chegarem. Prometemos um doce toda semana, um pudim ou ambrosia, como queiram. Mas, por favor, só avisem quando vierem com as amigas para jantar, que tudo seja planejado, horrível dar vexame às visitas. Controlaremos a validade dos produtos na geladeira. Necas de se afligir com o supermercado, não iremos sobrecarrega-las com frivolidades domésticas. (CARPINEJAR, 2011, p.15)

O autor constrói uma nova característica para o homem, a figura masculina passa a ser considerada por Carpinejar, do lar, embarcando em uma viagem íntima pelos recônditos da alma do homem que, apesar de moderno, sente o desejo de resgatar alguns valores não comuns aos costumes da sociedade atual. Além do valor poético presente na crônica, o autor retrata o comportamento do homem contemporâneo. Papel este revestido por novas características. Temos então, um retrato comum da sociedade que tal figura está inserida, em muitos casos, fragmentado nas relações.

Este novo posicionamento do sexo masculino reflete o homem moderno em situações de vivência diversificadas, agora não se encontra mais preocupado em seguir as atividades destinadas ao seu sexo, mas visa outro comportamento. Contudo, este homem logo é revestido pelo Carpinejar Canalha, com a atribuição do humor, este agora é deliberadamente ao contrário do Borracheiro, e tem novos amores, e novas formas de vivências. Vejamos:

Meus amores não eram simples. Atração à primeira vista, comigo feio, não havia como acontecer. Eu tinha a missão de acabar com a primeira impressão. Destruir os contatos iniciais. Precisava de tempo para mostrar

Anais da III Semana de Línguas e Literaturas do Campus Campos Belos. UEG, 2017. p.118-138.

que a inteligência podia ser mais agradável do que a beleza. Sofria por antecipação. No momento em que a mulher partia para conversar com a amiga no banheiro, lamentava: “Pronto, estou destruído”. É óbvio que a amiga abriria o olho e falaria horrores de mim. Conseguir a aprovação de uma única mulher numa noite é difícil, imagina de duas. O que as mulheres cochicham no banheiro são decisões francas e impiedosas. (CARPINEJAR, 2013, p. 111)

O trecho acima, da crônica *Amado pelas sogras*, evidencia, de certo modo, a preocupação do autor, que por sua vez reflete também em seu leitor, referente à aprovação de sua companheira. São atitudes constantes na vida de diversas pessoas, quem não se preocupa com a imagem que passa para o outro?

A maioria dos seres humanos, sejam homens ou mulheres, vê-se diante de um dilema em relação a este fato, entre a conquista e a aceitação, pois os relacionamentos contemporâneos, em sua maior parte, são transpassados por dúvidas impiedosas, que adormentam o indivíduo, isto implica em novos posicionamentos para a constituição do relacionamento.

Em Carpinejar Canalha, não obstante, verificamos textos perpassados pelo humor, comum ao homem contemporâneo. Nessa obra, o escritor cria um personagem com todas as imperfeições do cotidiano, proporcionando que seu público leitor contemple, assim, o surgimento de um novo homem, o canalha, este que, segundo o próprio Carpinejar:

é como pós-graduação do sem vergonha Canalha funciona como uma agressão íntima. Uma agressão a Uma provocação. Não se está concluído, é uma pergunta. Canalha é uma interrogação gostosa. Não ficarei triste se você esquecer meu nome, chame-me de canalha. (CARPINEJAR, 2013, p. 09)

Verificamos, portanto, na oscilação entre Carpinejar Borracheiro e Carpinejar Canalha que o leitor é levado a imaginar a construção da figura masculina, ora em um momento, ora em outro. Primeiro um borracheiro já insatisfeito com a atmosfera permissiva e, em seguida, um canalha vislumbrado com a modernidade. E assim, enquanto cronista, o autor em questão, promove, através de seus textos, a afirmação deste gênero literário, tornando-o um texto com aspectos que refletem o cotidiano de seu leitor.

Então a crônica proporciona ao público a possibilidade de se reconhecer em cada linha de seus textos. E ir mais longe que isso, transcreve na literatura, de certa forma, o universal, o caráter do indivíduo moderno. Sua produção literária nada mais é do que a

representação de um mundo instaurado na modernidade e todos os seus conflitos. No trecho transcrito abaixo, retirado da obra *Canalha*, não obstante, observamos o comportamento do indivíduo moderno, diante de aflições que acometem ao homem pós-moderno. Vejamos:

Não participo de reunião de condomínio. Falta apetite para discutir rachaduras na caixa d'água, criticar os cachorros dos vizinhos, elaborar planos de emergência e aprovar orçamentos. São duas horas de fofoca para dez minutos de decisão. O único grupo que frequento no mês é a cafajestada, encontros com amigos canalhas. Explicando, tenho três amigos canalhas legítimos e dois falsos. O legítimo: aquele que faz para contar. O falso: o que conta para um dia fazer! (CARPINEJAR, 2013, p. 51).

É evidente que a sociedade contemporânea é perpassada por outras preocupações, na verdade, todo o seu tempo livre, busca preenche-lo com outras atividades, que não sejam permeadas por compromissos, ou algo do gênero. Não compromete-se com as responsabilidades de casa, busca justificar que é apenas compromisso feminino, da esposa, e não do marido. Esse comportamento é advindo das exigências sociais, onde a figura masculina é constituída no discurso como um ser desprovido de compromissos no lar e peça fundamental na composição do *Carpinejar Canalha*. Já em seu livro *Borracheiro*, perceberemos um outro tipo de comportamento masculino:

Eu me dei conta de que tudo é exercício para estar acompanhado. Arrumar a cama, por exemplo. Há gente que coloca o cobertor fincado internamente nas bordas do colchão, revelando índole possessiva e ciumenta. Há gente que deixa o cobertor solto, mostrando índole possessiva e ciumenta. Há gente que deixa o cobertor solto, mostrando desapego e sociabilidade. Há gente que nem ajeita, denunciando solidão e independência. Vejo um temperamento nas banalidades. Eu dobro o lençol como aba de envelope sobre o cobertor. Minha avó me alertou: “Cobertor é masculino, lençol é feminino”. Faz sentido: ambos estão casados, esperando nosso olhar (o que explicar que a cama se encontra curiosamente aquecida algumas vezes. (CARPINEJAR, 2011, p. 51)

Se tal cena, em alguns casos, no que refere ao nosso tempo, não fosse tão perplexa, acreditaríamos que o homem pós-moderno, seria um indivíduo com as atenções voltadas para o lar. Após apresentar ao leitor uma cena normal, que colabora com as atividades desenvolvidas pelo sexo feminino, o autor complementa:

Arrumo os travesseiros com delícia porque é um ânimo a mais para namorar. Caminho de um lado para o outro, concentrado. Trocar a roupa de cama é

sempre reinaugurar o quarto. Transformo a disposição do tecido num bilhete de amor. Desde a minha infância. Sou uma palavra dentro, bordada. (CARPINEJAR, 2011, p. 158)

Este Carpinejar Borracheiro é utilizado para recriar o ambiente doméstico, passando as atividades elaboradas pela mulher, agora para o homem. E com a descrição precisa desta atmosfera, o autor amplia o aspecto literário da obra, e induz o público a acreditar que o próprio autor participou da cena que está sendo descrita, haja vista que utiliza elementos precisos, possibilitando a recriação do universo retratado na crônica.

A precisão na narrativa leva o autor ao encontro direto com o seu leitor, pois ambos são reconhecidos nos aspectos ali relatados. E após apresentar a situação, que de certa forma, pode ser considerada ilusória ao ser desenvolvida pelo homem, podemos também perceber, além disso, que durante o desfecho do discurso temos presente um novo homem, o do lar, definido pelo próprio autor como:

o novo homem do lar, que não tem vergonha de sua sensibilidade, que cuida dos filhos e pensa no jantar, que é romântico e adora lojas, que desculpa com o riso e se orgulha da própria carência. Diante de sua mulher, não resiste e pergunta, a todo momento, o que ela está pensando e o que está fazendo. A maior viagem pode ser pela casa. (CARPINEJAR, 2011)

Ao contrário do Carpinejar Canalha, o Borracheiro preocupa-se com as atividades domésticas, visa deixar sua companheira feliz. Como o próprio autor ratifica, “a sua maior viagem pode ser pela casa”, e não em tentar suprir seu tempo livre com outras companhias.

Esta perspectiva do homem moderno traz consigo algo novo, um indivíduo preocupado com as atividades relacionadas ao lar. Visa não só a si próprio, mas também com quem vive e isso é evidenciado na crônica acima, e é totalmente fragmentado na sociedade contemporânea, pois o tempo, e em muitos casos o individualismo, não proporciona que as atividades de casa sejam realizadas somente pelo homem.

O discurso produzido pelo autor dentro de suas crônicas poéticas nos conduz a outra perspectiva, levando a crer que é uma atividade normal, e o que mais chama a atenção é que, essas mesmas tarefas são realizadas pelo gênero masculino. Esta possibilidade vivenciada pelo homem corresponde a casos raros, mesmo que o autor produza um discurso que nos transporta a acreditar em um novo conceito de posicionamento do sexo masculino contemporâneo no século XXI.

E ao mesmo tempo em que retrata o homem Borracheiro, o autor desenha a perspectiva do Carpinejar Canalha, algo que gera um universo totalmente diferente daquele criado no livro anterior, fazendo com que o leitor perceba a diversidade de sua escrita em seu texto:

O amor é sacana. Ninguém está imune. Ninguém confere certidão de casamento, de nascimento ou de óbito para se envolver. Vai virar o rosto para os compromissos. Não queremos nos apaixonar e nos apaixonamos. O cara não presta e seguimos em frente. Vimos que ela é interesseira e fechamos os ouvidos. Contrariamos as crenças porque o amor é sacana. O amor abre até as portas deitadas. (CARPINEJAR, 2013, p. 40)

Além dos textos extremamente poéticos, Carpinejar faz uma transfiguração da perspectiva masculina, transparecida pelo humor, a crônica reflete aspectos banais dos indivíduos modernos. O homem é um ser que está exposto aos sentimentos que existem nas relações humanas, mesmo quando tenta interceptá-las. No trecho acima retirado da crônica *O canalha arrependido* é apresentado um posicionamento masculino, e diante disso o escritor complementa:

O canalha (...) ambiciona ser viúvo de seus vícios. Espera receber alta, pode não conseguir, pode tentar e fracassar. Dorme pouco para não perder a chegada da paz de manhã. Espera uma paixão redentora para reaver a adolescência. Anseia superar as indiferenças que o impele a dispensar as mulheres e abreviar os relacionamentos. Aguarda ter novamente a insegurança das palavras, o risco de ser magoado e magoar. O canalha está cansado de sua reputação, do esforço para manter a fama, da rotina de não se importar. É difícil, duro de suportar, mas o maior amor, o amor mais leal e puro, pode vir de um canalha arrependido. (CARPINEJAR, 2013, p. 41)

Neste trecho, da obra *Canalha*, é nítido o posicionamento do homem, onde o próprio nome já define as características das crônicas que compõem este livro. Acima vê-se um homem canalha que não está preocupado com os sentimentos amorosos, principalmente no que refere-se a outra pessoa. É um homem cansado de sua rotina, busca outro patamar, e posteriormente outra perspectiva, e por fim caracteriza o amor mais sincero, é o que é vindo de um canalha arrependido.

Carpinejar, sob o viés do homem contemporâneo, recria dois ambientes distintos, pelos quais passam duas figuras, o homem Borracheiro e o Canalha. Carpinejar visita estes dois, para tanto utiliza ambientes diferentes, mas que são permeados por valores humanos, coincidentes com a sociedade em que estão inseridos.

Anais da III Semana de Línguas e Literaturas do Campus Campos Belos. UEG, 2017. p.118-138.

Deste modo, constatamos que Carpinejar propicia ao leitor um ambiente revestido por um novo signo, o da modernidade, são aspectos da vida, agora abordados durante a sua produção literária. E assim, o público presencia inúmeros fatos de seu próprio cotidiano no literato, pois são características e comportamentos dos indivíduos que foram modificados em virtude do caos social em que estão inseridos, e então, as obras são necessariamente o retrato literário do social remente aos aspectos do momento vivente.

Mesmo assim, o escritor transcreve cenas que são comuns a todas as pessoas que, por sua vez, acabam identificando-se com as crônicas do poeta gaúcho. Sua produção literária vai ao encontro do cotidiano do leitor, fazendo com que este reviva, em muitos casos, sua vida habitual, pois este ambiente de verossimilhança entre obra e leitor, constitui uma verdade universal, a ponto de conseguir fazer com que seu leitor reconheça a si próprio em textos como o do autor em questão.

Os textos produzidos por Carpinejar representam também marcas de sua própria vivência, e assim, Cyntrão afirma que a poesia, neste caso a crônica, “funciona como vetor estético da representação do contemporâneo, (...) [assim] o texto poético é um produto cultural que trabalha com a *transfiguração* do real” (CYNTRÃO, 2009, p. 47, grifos do autor). É visível então que, além de poéticos, também são revestidos com um teor autobiográfico, nos quais o escritor reflete em sua prosa poética, experiências de vida particulares.

Nessa perspectiva, ocorre uma fusão entre o imaginário e o real, construindo suas produções prosaicas com marcas do caráter ficcional, assim, contido por este estilo o autor amplia suas experiências, e também seu discurso, composto pelo escritor, que são representações literárias de sua própria vida, deste modo Costa Lima afirma que o discurso:

ficcional, (...) implica uma dissipação tanto de uma legislação generalizada, (ele não reflete uma verdade de ordem geral) "quanto da expressão do eu" (não reflete tampouco os valores do escritor). "Nele, o eu se torna móvel, ou seja, sem se fixar em um ponto, assume diversas nucleações, sem dúvida, contudo, possibilitadas pelo ponto que o autor empírico ocupa. É a essa movência do ficcional - que, simultaneamente, implica a dissipação do eu e afirma os limites da refração de seus próprios valores -que temos chamado de ângulo de refração. Assim, tal dissipação do eu não o torna inexistente, como se escrever ficção fosse anular seus próprios valores, normas de conduta e sentimentos. A imaginação permite ao eu irrealizar-se enquanto sujeito, para que se realize em uma proposta de sentido (...) *Pela ficção, o poeta se inventa possibilidades, sabendo-se não confundido com nenhuma*

*delas; possibilidades contudo que não inventariam sem uma motivação biográfica. (LIMA, 1984, grifos nossos).*

Portanto, as marcas localizadas no discurso do autor apontam e enfatizam uma espécie de experiência própria, nada mais são do que a junção de relatos do “eu” enquanto autor, que afloram no momento da produção literária. Podemos então constatar que as obras em questão são revestidas por tal característica, o estilo ficcional faz com que o leitor também sintam-se dentro desta mesma perspectiva, pois em alguns casos são momentos díspares, mas de certa forma, universais, deste modo propicia ao público um momento em que possa se identificar com os escritos do poeta, pois este fez não o circunstancial, mas o universal.

No trecho abaixo iremos perceber uma preocupação com o relato ficcional, que em muitos casos confunde-se com a autobiografia:

Há homens que se imaginam com mechas loiras entre as mãos. Cabelos morenos, lisos, brilhantes. Cabelos cacheados, perfumados. Cabelos ruivos, intensos. Cabelos coloridos, disfarçados. Cabelos encharcados de vigor. Cabelos para dizer o quanto são jovens, o quanto são viris, o quanto são sedutores. Eu me pressinto com um coque grisalho entre as mãos (...). Não é nenhuma perversão. Enxergo-me desde agora segurando os cabelos brancos de minha mulher. Envelhecido com ela, sem mentir a natureza de minhas sobrancelhas e esconder a fragilidade de meus braços (...). Não desejo a juventude de uma mulher, desejo sua permanência. O que a faz recente não é o quanto ela se preservou, mas o quanto ela se entregou. (CARPINEJAR, 2011, p. 73-74)

A obra ficcional é um retrato da vida, fazendo parte da verdade tanto de seus criadores quanto de seus leitores. Neste trecho o autor transpassa realizações pessoais, uma visão de futuro, um desejo particular. Porém sua escrita possibilita o relato de algo mais simples, em um gênero tal como a crônica, mas que possa fazer com que o texto seja revestido por sentimentalismo, e que em muitos casos vai ao encontro de seu público, este que pode também está no mesmo momento, o qual o autor retrata.

Além disso, como o próprio autor enfatiza, os seus textos são marcados pelo estilo conficcional, que seria resultante da junção entre os aspectos citados anteriormente, uma categoria híbrida, fruto da mistura de seu tom confessional com temas, supostamente, ficcionais.

Outro fator que constatamos na prosa poética lírica de Carpinejar é a posição do *flâneur*, que como já dissemos anteriormente, é uma figura criada pelo poeta francês Charles

Bardeulaire (1996) e analisada por Walter Benjamin (1989), e agora encontra-se presente na literatura pós-moderna do nosso autor em questão. Observemos:

Engarrafado nas ruas de São Paulo, aceito o desespero. Posso chegar fora da hora e perder o compromisso. Não telefono para quem me espera; a ligação multiplica a ansiedade e me estimula a dividir a culpa do atraso com os problemas viários. Tenho uma distração refinada. Gosto de observar os carros amassados (...). Assisto a uma orquestra de rangidos, discernindo o motor dos barulhos intrusos. É impressionante como há carros amassados em São Paulo. (CARPINEJAR, 2011, p. 111)

E após apresentar o cenário da cidade de São Paulo o autor apresenta outro panorama, remete a seu estado natal e revela os aspectos existentes na cidade de Porto Alegre:

É impressionante como há carros amassados em São Paulo. Um cemitério vivo de automóveis. Fantasmas da Volks, da Fiat, da Renault conversando sobre os velhos tempos da concessionária em cada sinaleira. Em Porto Alegre, são raros. Batemos o veículo e logo estamos no dia seguinte na oficina, exigindo uma solução rápida do caso. Com ou sem dinheiro. Com ou sem seguro. Questão de honra (...). (CARPINEJAR, 2011, p. 111)

Após explorar as ruas das duas cidades, tanto de São Paulo quanto de Porto Alegre, o autor relata o processo de urbanização ao qual as cidades foram expostas durante a industrialização, pois é o palco para o *flâneur* moderno, este que caminha sem pressa, observa cada detalhe e acontecimentos que permeiam as ruas. Assim Carpinejar traça as impressões produzidas dentro da sociedade moderna, pois esses acontecimentos pitorescos são retratados de forma inteligente, e fazem parte dos aspectos existenciais que permeiam a vida de seu leitor.

Assim, a produção literária de Fabrício Carpinejar “inclui deliberadamente [em seus textos] a si mesmo na trama do mundo como parte do espetáculo, vendo-se de fora para dentro” (CANDIDO, 2000, p. 56). É, portanto, um reflexo do momento em que está situada a sociedade e o próprio indivíduo, enquanto sujeito responsável por seus atos, e vive sob a perspectiva da modernidade, retratando as vivências de seu cotidiano e da sociedade na qual está inserido.

O *flâneur*, como já mencionado no capítulo anterior, é reconhecido como um ser que perambula pelas ruas, dotado de inteligência, apanha as cenas dos acontecimentos pitorescos da vida urbana. No caso de Carpinejar, descreve as avenidas das cidades grandes, utilizando

elementos comuns a todos os cidadãos que ao lerem a crônica poética do autor irão perceber, e principalmente reconhecer o cenário ao qual o autor refere-se.

Os elos entre Carpinejar e o pintor da vida moderna, criado por Baudelaire, são vários, mas nos preocuparemos aqui com a sua arte de buscar a verossimilhança nas vivências urbanas, sua criação literária é retirada do espaço e tempo onde estar inserido, sendo fiel à sua época e ao seu lugar, para tanto, utiliza os parâmetros modernos para representar dentro da literatura. Assim como houve uma modernidade para cada autor, no século XXI Carpinejar é levado a “extrair o eterno do transitório” (BAUDELAIRE, 1996, p. 25).

O universo do *flâneur* é a massa que compõe as cidades, e assim este procura estar sempre em meio ao aglomerando. Carpinejar em uma de suas crônicas demonstra um espaço de lazer, mas com uma perspectiva diferente, e, utilizando o hábito de flunar o autor vê e analisa sobre outra perspectiva. Observemos:

Em passeio ao Zoológico com os filhos, quase choro diante do aviso de “extinção” nas placas explicativas sobre os bichinhos. Aquele é um dos únicos animais do mundo e está enjaulado - que sina. Eu também enrusbeço com o extermínio de várias espécies urbanas. O filador de cigarro, por exemplo. Já é complicado encontrar alguém com fogo, imagina pedir cigarro emprestado. O filador é uma subcategoria do fumante. Como o primeiro é desagradável, o segundo é detestável. Sua existência está fadada ao fracasso. Outra raça ameaçada é o caroneiro. Peguei excessivas caronas em final de festa na adolescência; era um profissional. (CARPINEJAR, 2011, p. 118)

Nota-se que o narrador de Carpinejar cria uma atmosfera, que somente é propiciada a partir do flunar, e então apresenta dois paradigmas, relacionando-os, primeiro discorre acerca da extinção dos animais e após demonstra sua preocupação com a destruição de algumas figuras urbanas.

Esses relatos evidenciam o perambular inteligente do *flâneur* pelas ruas da cidade, e por lugares aparentemente desprovidos de assuntos que possam ser relatados dentro da literatura. É importante destacar ainda, o modo como o autor descreve os fatos e caracteriza de forma poética as figuras urbanas ali mencionadas. Vejamos outro trecho:

Restaurante com televisão provoca calafrios. É uma maneira de compensar a falta de assunto da família. Você espia, detesta o programa, olha de novo e já está mastigando de boca aberta. A tevê ameaça o emprego do garçom. Um dia, a gorjeta será direcionada para pagar o canal a cabo. (CARPINEJAR, p. 141, 2011)

No fragmento acima retirado da crônica *Luta desigual*, nos deparamos com um ambiente advindo com o processo de urbanização, e assim fez com que surgissem novas necessidades, e posteriormente, outros comportamentos nos relacionamentos a dois. Os casais contemporâneos são resultados da constituição advinda ao longo do tempo, pois cada era requer dos indivíduos posicionamentos diferentes. Isso acontece dentro do processo de evolução, e assim constrói novas particularidades na vida moderna.

Ao observar pessoas, em um almoço, no restaurante, normalmente fugindo da rotina, não imaginamos tal perspectiva perpassada de outra maneira, a não ser a que testemunhamos, mas Carpinejar relata esta cena de maneira literária, fazendo com que o leitor construa a imagem de todo o ambiente e também dos personagens.

Desta forma, o flunar propicia ao indivíduo não só a observação da vida, das pessoas, ou simplesmente dos ambientes, mas disso tudo de forma geral e inteligente, faz com que situações tal como a destacada anteriormente represente os anseios das pessoas, neste caso, dos personagens modernos.

Esse ato de perambular pelas ruas e contemplar o que normalmente iria passar despercebido a uma pessoa comum, é característica do *flâneur*. Isso acontece principalmente pelas mudanças no contexto social, que requer do leitor novas formas de criação literária. São paisagens comuns, onde os leitores identificam e também se reconhecem.

A cidade tem então material poético, Carpinejar retira das anormalidades do cotidiano alguns relatos que constituem sua edificação literária e assim oferece ao seu leitor o encontro com as paisagens que diariamente se depara, e assim a obra de arte vai ao encontro da realidade, tendo a cidade como material literário. Deste modo o *flâneur* pode ser considerado como a principal figura, quando refere-se às representações do presente.

E assim, com um olhar diferente, o autor em questão admira e contempla as situações típicas do mundo moderno, o *flâneur* não tem um conceito antes estabelecido, mas assume-se em cada momento de forma diferente, no que diz respeito à sua perspectiva, assim é “exatamente porque o sujeito é fraturado, ele não tem uma posição *a priori* definida, senão que a assume, assim se identificando, no interior dos conflitos de interesse e na assimetria dos grupos sociais” (LIMA, 2000, p. 21, grifos do autor). Comprovamos então que o *flâneur* concretiza-se na situação presenciada no seu andar desprovido de objetivos, mas que ao mesmo tempo busca do pitoresco, ou apenas o que merece uma retratação literária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos de Carpinejar chamam a atenção necessariamente para a representação do homem contemporâneo na prosa-poética, pois os aspectos que permeiam o posicionamento do gênero masculino na sociedade são extremamente explorados na modernidade, e, por conseguinte, abrem espaço para a reflexão, a fim de que percebamos a importância dada ao homem no âmbito literário, e também o seu posicionamento social, pois o autor aqui abordado foi fiel ao relato da figura masculina na modernidade, retratando de forma objetiva, também com textos de caráter poético e prosaico, e pelo subjetivismo, transcrito pelo valor lírico.

Carpinejar preocupa-se com a necessidade de representação da figura masculina, pois faz uso de aspectos sociais viventes, transforma assim sua forma literária como expressão do social. Dessa forma, a prosa poética deste cronista, e poeta, faz uso dos aspectos sociais em suas crônicas, e então percebe-se a importância literária do autor para a constatação do cotidiano na arte, pois sua preocupação com o corriqueiro é latente.

Diante do exposto, acreditamos, pois, que na perspectiva contemporânea a literatura de Fabrício Carpinejar traz, em suas entranhas, um inegável poder de representação. Diante sentimento de caos e crise, que abarca o mundo pós-moderno, o homem mostra-se dividido entre o “ser” e o “ter”. É nesse contexto que Carpinejar recria sua cadeia de relações em um universo ímpar. O escritor transcende as barreiras, consideradas convencionais, e faz de suas obras um espelho capaz de refletir o leitor com seus dilemas e embates mais íntimos, mostrando que a literatura é o espaço, ainda que simbólico, de resgate e superação, e que, por conseguinte, concretiza a relação existente entre literatura e sociedade.

Verificamos assim a hibridização das crônicas carpinejeanas, pois os textos de Carpinejar são capazes de trazerem consigo os aspectos característicos da lírica, que dá a crônica um ar de subjetividade e posteriormente a elege como gênero híbrido, constituindo uma prosa poética lírica. Esta hibridização foi comprovada aqui, pois as crônicas do autor em questão chegam ao terreno da lírica, e também da poesia, com sua escrita em prosa, transpassa pelo campo dos outros gêneros.

Ao referirmos as crônicas de Fabrício Carpinejar mesmo que escritas em prosa, verificamos os vestígios de outros gêneros, como a poesia lírica, dessa maneira os textos carpijeanos são traspassados por valores de outras formas. Pois a crônica com esse teor híbrido converte facilmente em formatos diferentes que compõem e conseqüentemente

Anais da III Semana de Línguas e Literaturas do Campus Campos Belos. UEG, 2017. p.118-138.

constroem este gênero. Porém, não afirmaremos aqui que a crônica não tem um formato, como a maioria dos gêneros, mas destacamos a sua facilidade de oscilação entre um gênero e outro, capazes de dar a crônica este ar de despreensão.

Portanto, a prosa carpijeana, também poética, conduz o leitor a ver o seu próprio cotidiano, pois é ele a matéria primordial de sua criação e são textos relativamente curtos, mas que proporcionam ao público um contato direto com a vida diária. Assim, Carpinejar transfigura a criação literária a um novo patamar, principalmente quando aborda questões referente à figura masculina, pois o homem na contemporaneidade está inserido no cenário urbano e é, portanto, o material que o autor utiliza para sua produção.

### REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade: In \_\_\_\_\_. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2003. P. 65-89
- BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. Tradução de José Carlos Martins Barbosa; Hermes Alves Baptista. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CARPINEJAR, Fabrício. **Borracheiro**: minha viagem pela casa. Rio de Janeiro: Bertrand, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Canalha**: retrato poético e divertido do homem contemporâneo. Rio de Janeiro: Bertrand, 2013.
- CYNTRÃO, Sylvia H. (Org.) **Poesia**: o lugar do contemporâneo. Brasília: Departamento de Teoria literária e Literaturas/UnB, 2009.
- LIMA, Luiz Costa. A questão dos gêneros: In \_\_\_\_\_. **Teoria da literatura em suas fontes**. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Mimesis**: desafio ao pensamento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: prosa. São Paulo: Cultrix, 1990.
- PAPES, Cleide da Costa e Silva. **A Vivência e a Invenção na Palavra Literária**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- PAZ, Otávio. **Signos de Rotação**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ROSENFELD, Anatol et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- SECCHIN, Antonio Carlos. Poesia e desordem. In: \_\_\_\_\_. **Poesia e desordem**: escritos sobre poesia e alguma prosa. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
- STAIGER, Emil. **Conceitos Fundamentais da Poética**. Tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.